

Sesc^{tv}

Fevereiro/2015 – edição 95
sesctv.org.br/aovivo

MÚSICA

A SONORIDADE BRASILEIRA NA OBRA DE VILLANI

DOCUMENTÁRIO

**CURTAS-METRAGENS
ABORDAM RAZÃO E
LOUCURA**

DANÇA

**PESQUISA DA FÍSICA
QUÂNTICA INSPIRA
COREOGRAFIA**



Musical

João Donato

Dia 25/3
QUARTA
22H

Acompanhe o SescTV:
sesctv.org.br



/SESCTV

MISTURA COMO ESSÊNCIA

O trânsito entre os diversos gêneros, a intersecção, a mistura e o encontro compõem a essência da criação artística. Trata-se de uma premissa que possibilita combinações infinitas entre linguagens e propostas, sem a interferência limitadora de tempos, espaços e contextos. Como mostra o compositor mineiro Edmundo Villani-Côrtes, cujo trabalho se constitui pelo diálogo entre a música erudita e a popular, no qual o xote, o choro e as canções se mesclam a sinfonias e peças orquestrais, numa sonoridade carregada de referências brasileiras, com o rigor e a precisão da música de concerto.

Neste mês, o SescTV exhibe o musical inédito *Primavera Villani*, no qual a Orquestra Filarmônica de São Caetano executa duas peças desse compositor. O concerto, gravado no Sesc Vila Mariana, tem a participação dos solistas Karin Fernandes, no piano, e Antonio Carrasqueira, na flauta. A série Dança Contemporânea apresenta o espetáculo *Quantum*, da companhia suíça Gilles Jobin, inspirado nas pesquisas científicas na área da física quântica. Dois documentários com produção em Cuba discutem diferentes questões sobre a loucura, na série CurtaDoc. No Instrumental Sesc Brasil, show da Cia. Estadual do Jazz, com releituras da bossa nova.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista o roteirista Bráulio Mantovani, que conta sobre sua trajetória e avalia o atual cenário do cinema brasileiro. O artigo da professora e pesquisadora Daniela Osvald Ramos aborda a relação entre comunicação e cultura. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

CAPA: Concerto Primavera Villani
Foto: Adi Leite

ÍNDICE

- DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO 4**
ENTREVISTA – Bráulio Mantovani 8
ARTIGO – Daniela Osvald Ramos 10

Universo villaniano

FOTO: ALEX RIBEIRO



A sonoridade brasileira está presente na obra do compositor Edmundo Villani-Côrtes. Mineiro de Juiz de Fora, nascido em 1930, Villani teve o cavaquinho como seu primeiro instrumento musical, que ele usava para acompanhar o irmão ao violão. Por meio do cinema, teve acesso às composições eruditas, passando a admirar Chopin, Liszt, Mozart, Puccini e Gershwin. Do cavaquinho para o violão e, depois, para o piano, Villani foi se aperfeiçoando nos estudos musicais. Autodidata e eclético, atuou como pianista de orquestras, fez arranjos para trilhas de filmes e jingles, integrou a orquestra da extinta TV Tupi, realizou apresentações internacionais, fez carreira acadêmica.

“A obra de Villani tem de tudo: peças supermelodiosas, chorinhos, sinfonias, peças orquestrais, vocais, canções, concertos para outros instrumentos. Ele é um compositor muito completo, que trabalha muito e continua produzindo”, diz a pianista Karin Fernandes. O maestro Geraldo Olivieri destaca a brasilidade presente nas composições de Villani. “Ele tem a música brasileira na veia. Põe todos os ingredientes. Compõe um baião como ele só”, afirma.

Partiu de Villani a iniciativa de propor à Orquestra Filarmônica de São Cetano, sob regência de Olivieri, um projeto para a apresentação de duas peças de seu repertório. “Estava no Nordeste e recebi um telefonema dele, que me contou sobre o projeto. Pensei: tenho que fazer”, lembra Olivieri. Villani participou ativamente da escolha do repertório. “Era um concerto com orquestra sinfônica, então procurei colocar peças que tinham uma significação bastante forte. As duas peças são para instrumentos solistas: uma para flauta e uma para piano”, explica Villani.

O SescTV exibe, neste mês, o musical inédito *Primavera Villani*, gravado ao vivo no Sesc Vila Mariana, em setembro de 2014. Com direção para TV de Antonio Carlos Rebescos, o programa é dividido em duas partes. Na primeira, a Orquestra Filarmônica de São Caetano e a pianista solista Karin Fernandes executam a peça *Concerto Número 3 para Piano e Orquestra (1991)*, em três movimentos: *Impressões do Terrestre Convívio*; *Os Ascendentes Caminhos do Espírito*; e *Alegre Encontro da Eterna Morada*. Na segunda parte, a Orquestra e o flautista solista Antonio Carrasqueira apresentam *Concerto para Flauta e Orquestra (2000)*, com os movimentos: *Gingado*; *Moderato*; e *Allegro*. “É um passeio por esse universo villaniano, por essas influências todas, esse coração grande que ele tem. Villani é um homem muito doce, muito terno. E a música dele passa essa coisa bonita, para cima, leve, muito bem elaborada, cheia de cores”, afirma Carrasqueira. O programa traz ainda entrevistas com o compositor, o regente e os dois solistas, que falam sobre a realização deste projeto.

PRIMAVERA VILLANI MOSTRA DUAS PEÇAS DO COMPOSITOR BRASILEIRO EXECUTADAS PELA ORQUESTRA FILARMÔNICA DE SÃO CAETANO

▶ MÚSICA

Primavera Villani

(Direção para TV: Antonio Carlos Rebescos)

Dia 18/2, às 22h

A essência da vida

ESPECTÁCULO QUANTUM, DA CIA. GILLES JOBIN. FOTO: ALEX RIBEIRO



Em março de 2013, a comunidade científica voltou suas atenções para Genebra, na Suíça, onde fica o CERN, maior laboratório de física de partículas do mundo. Ali, um experimento realizado no Grande Colisor de Hádrons buscava confirmar a existência do bóson de Higgs, partícula que teria surgido logo após o Big Bang, também chamada de partícula de Deus, e que seria a chave para explicar a origem da massa de outras partículas elementares. Em outras palavras, o trabalho era resultado de cinco décadas de pesquisas, na intenção de compreender a origem do universo, dos planetas, da vida. A busca por respostas a respeito do início de tudo, que perpassa a física, a filosofia e reverbera nas artes, também atraiu as atenções do dançarino e coreógrafo suíço Gilles Jobin, que em 2012 fez uma residência de três meses no CERN, acompanhando a rotina de pesquisadores e se aprofundando na natureza de trabalho desses cientistas. Essa experiência resultou no espetáculo *Quantum*, executado por seis bailarinos da companhia que leva o nome do coreógrafo.

"*Quantum* é uma peça especial para mim, pois desenvolvi logo após essa residência no CERN. Não foi

uma tarefa fácil, não sou físico nem cientista. Mas também me tornei um pesquisador em meio a outros pesquisadores", afirma Jobin. "Tentei levar um pouco de teoria da dança e sobre como gerar o movimento, com relação à mecânica quântica", explica. Ele conta que a criação do espetáculo aconteceu no próprio laboratório e que sua estreia ocorreu também lá, na biblioteca. "Ficamos muito conectados. Tivemos dois físicos do CERN como conselheiros, que vinham ao nosso estúdio e nos sugeriam coisas. Falamos muito sobre simetria, sobre as quatro forças fundamentais da natureza, que não são forças de contato. É interessante que nos ligamos sem nos tocar", diz Jobin.

Todos esses conceitos são traduzidos em movimentos de interação entre os dançarinos. "Por se tratar de física, experimentamos muito. Creio que seja um trabalho bem abstrato, mas que me arranca emoções por meio da dança. Porque há um movimento no espaço com todos nós", afirma a bailarina Susana Panadés Díaz. A iluminação do espetáculo é assinada pelo alemão Julius Von Bismarck, artista cujas obras têm forte apelo tecnológico, dialogando com a ciência e a matemática. O SescTV exibe, neste mês, o espetáculo *Quantum*, gravado em maio de 2014, no Sesc Consolação. O programa traz ainda entrevista com Gilles Jobin, que relembra a experiência realizada no CERN e fala sobre o processo de criação do espetáculo. Direção para TV de Antonio Carlos Rebescos.

PESQUISAS CIENTÍFICAS SOBRE A ORIGEM DO UNIVERSO INSPIRAM ESPETÁCULO QUANTUM, DA CIA. GILLES JOBIN

▶ DANÇA

Sextas, 21h **L**

Anseio - Cia de Danças de Diadema

Dia 6/2

Uneven / BandOneón / O Balcão do Amor - Balé da Cidade de São Paulo

Dia 13/2

Quantum - Cia. Gilles Jobin

Dia 20/2

Anatomia do Cavalo - Luis Ferron e Marcos Moraes

Dia 27/2

‘Papo entre amigos’

FOTO: ADILEITE



O nome do grupo surgiu de uma brincadeira: Cia. Estadual de Jazz, referência à Cia. Estadual de Gás do Rio de Janeiro. “É um nome estranho, que só quem é do Rio entende. Achávamos que todo Estado brasileiro tinha sua companhia de gás. Quando a gente se deu conta, o nome da banda já estava feito. Agora, a gente sempre tem de explicar ao público”, diverte-se o contrabaixista Reinaldo Figueiredo. O humor é marca registrada de seu trabalho não apenas como instrumentista. Cartunista e ilustrador, Reinaldo trabalhou na publicação *O Pasquim*, semanário da imprensa alternativa, na década de 1970; nos anos 1980, ajudou a fundar o tabloide *O Planeta Diário*, que depois se juntou à *Casseta Popular*, dando início ao grupo *Casseta & Planeta*, conhecido programa humorístico da televisão.

Em meados dos anos 2000, Reinaldo passou a frequentar os saraus organizados pelo pianista Sérgio Fayne, que foi flautista de Antonio Carlos Jobim. “Esse quarteto começou a se formar lá em casa. E a gente toca o que gosta: samba-jazz”, afirma Fayne. Também integram o grupo o guitarrista Fernando Clark e o baterista Chico Pessanha. “O interessante é que a gente se entendeu desde o início. Todos têm a mesma concepção musical, então já sei o que o outro vai fazer”, conta Pessanha. “Nossa música é um papo entre amigos. Não é uma discussão”, concorda Reinaldo.

As referências musicais passam por clássicos da música brasileira, em especial a bossa nova de Tom Jobim, João Gilberto e Vinícius de Moraes, mas temperadas com o suingue e o improviso característicos do jazz. “Nós fazemos um repertório que não é exclusivamente a bossa nova. Até tocamos música americana, mas sempre com essa levada, esse clima do samba-jazz”, explica Pessanha.

O SescTV exhibe, neste mês, espetáculo inédito da Cia. Estadual de Jazz, na série Instrumental Sesc Brasil. O quarteto apresenta repertório de clássicos da música

brasileira, em versão de samba-jazz, como: *Chovendo na Roseira* (de Tom Jobim); *Naná* (Moacir dos Santos); *Bananeira* (João Donato); *Berimbau* (Baden Powell e Vinícius de Moraes); e *Trenzinho Caipira* (Heitor Villalobos). O grupo mostra ainda a inédita *Pra Todos os Santos*, composição do guitarrista Fernando Clark. A série *Passagem de Som*, que antecede a exibição do show, registra a visita que o quarteto realizou à discoteca da TV Cultura de São Paulo, relembrando os álbuns que serviram de inspiração para os músicos, como *Getz/Gilberto*, de 1964, que registrou o encontro entre o saxofonista norte-americano Stan Getz e João Gilberto; *The Maestro*, de Moacir Santos (1972); e *Elis & Tom*, de 1974, cuja sonoridade se aproxima do som criado pela Cia Estadual de Jazz. Os dois programas têm direção artística de Max Alvim.

CIA. ESTADUAL DE JAZZ APRESENTA RELEITURAS COM SUINGUE E IMPROVISO PARA CLÁSSICOS DA BOSSA NOVA

▶ PASSAGEM DE SOM INSTRUMENTAL SESC BRASIL

Domingos, a partir das 21h

Renato Borghetti

Dia 1/02

Vera Figueiredo

Dia 8/02

Companhia Estadual de Jazz

Dia 15/02

Otis Trio

Dia 22/02

Ensaaios sobre a loucura

FILME: LONGE DE CASA. FOTO: DIVULGAÇÃO



Estar por inteiro ou pela metade; estar em outra órbita; estar e não estar. Afinal, como se define a loucura? O que desencadeia a demência? Uma doença, um acidente, um trauma? Como a sociedade convive com quem não sabe mais quem é ou quem foi? Tema que desafia a medicina e instiga artistas das mais diversas vertentes e linguagens, a loucura também está presente no cinema. “A partir da arte e da criação do cinema, podemos abordar temas que não eram tratados antes. E conhecemos uma esfera social totalmente diferente, pois a arte nos diz coisas que nós queremos dizer e não podemos”, acredita o professor de cinema Rigoberto Jiménez. O que não significa que diretores não encontrem desafios ou resistência ao levantar essa questão. “Antes, [a loucura] era um tema tabu, intocável, porque ninguém gostava de abordar. As pessoas não se interessavam por essas figuras. Depois, houve a explosão do acesso às novas tecnologias e um grupo de jovens documentaristas se interessou por esse tipo de personagem, por mostrar esse lado da sociedade”, afirma Jiménez.

Dois documentários em curta-metragem que o SescTV exibe neste mês, no episódio *Razão e Loucura*, da série *CurtaDoc*, têm a loucura como tema central de suas produções. *Fidel, El Hombre de las Cucharitas*, direção de Raquela Conde Viera, acompanha a rotina do cubano Fidel Valdés Díaz, que vive no hospital psiquiátrico de Havana e é conhecido por suas habilidades

musicais, em especial, usando colheres como instrumentos. Tendo vivido num orfanato dos 7 aos 15 anos, Fidel conta que adoeceu na chamada crise de outubro de Cuba, em 1962, período da Guerra Fria, quando o navio onde ele trabalhava como marinheiro sofreu ataques de aviões com voos rasantes. “Qualquer um adoece dos nervos. É irmão contra irmão, falsos testemunhos, terremotos, vulcão, as torres gêmeas nos EUA, o racismo. Tudo isto estava na Bíblia, que li quando tinha 25 anos”, diz Fidel. Para Jiménez, Fidel é um personagem peculiar. “O documentário mostra uma relação muito próxima e respeitosa entre os realizadores e o personagem. E conta também parte da história daquele país e como são as relações humanas”, afirma.

Existen, documentário de 2006 com direção de Esteban Insausti, parte de uma experimentação estética para apresentar o tema da loucura. A montagem em formato de videoclipe, com depoimentos desconexos e intercutados com imagens documentais, em preto e branco, trazem para a própria linguagem do filme a representação da insanidade. “Busquei, dentro do conceito da loucura, uma certa sensibilidade e uma sabedoria delirante dentro disso”, explica o diretor. O filme traz ainda dados da Organização Mundial da Saúde sobre o tema, como a de que 20% a 30% da população mundial sofre de algum tipo de transtorno mental ao longo de sua vida. *CurtaDoc* tem direção de Kátia Klock.

DOIS DOCUMENTÁRIOS COM PRODUÇÃO EM CUBA ABORDAM AS DOENÇAS MENTAIS PARA ALÉM DA QUESTÃO DA SAÚDE

▶ CURTADOC

Terças, 21h **L**

Labor

Dia 3/2

Meio e Mensagem

Dia 10/2

Longe de Casa

Dia 17/2

Razão e Loucura

Dia 24/2

A arte da narrativa dramática

FOTO: ALEXANDRE NUNIS



Bráulio Mantovani é roteirista de audiovisual, graduado em Língua e Literatura Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com pós-graduação em Roteiro Cinematográfico pela Universidade Autônoma de Madri. Começou sua carreira fazendo roteiros para teatro. Viveu em Nova Iorque por dois anos, onde trabalhou como assistente de produção e de direção do polonês Zbig Rybczynski. De volta ao Brasil, foi roteirista dos longas-metragens *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite*. Também é autor da série de TV *A Teia*, em parceria com Carolina Kotscho.

**NÃO IMPORTA QUAL É A HISTÓRIA,
DESDE QUE ELA SEJA BEM
CONTADA. SE VOCÊ NÃO CONTA
BEM, NÃO VAI FUNCIONAR**

Como decidiu trabalhar com cinema?

Comecei, na verdade, no teatro. Fazia parte de um grupo de teatro amador lá no ABC, que era bastante engajado. Havia alguns jornalistas no grupo e, nessa época, ainda período da ditadura, muitos deles estavam desempregados. Eu gostava de ler e escrever e cheguei a pensar em fazer Jornalismo, mas fiquei preocupado de não conseguir emprego. Cogitei Ciências Sociais, mas acabei optando por estudar Letras, pensava em dar aulas. Na faculdade, fiz uma amiga que era casada com um cineasta [Adilson Ruiz]. Era início dos anos 1980, e ele tinha uma câmera de vídeo, que nos emprestava para fazer os trabalhos da faculdade. Um dia, o Adilson me convidou para trabalhar na montagem de um filme dele, mas o que eu fiz, de fato, foi o roteiro. Depois, ele ganhou um edital e me convidou a fazer o roteiro de um média-metragem, que recebeu nove prêmios, exceto o de roteiro. Trabalhei em jornal e em produtoras, fazendo vídeos institucionais. Aos 26 anos, fui para Nova Iorque e procurei o polonês Zbig Rybczynski. Acabei morando dois anos lá. Mas sentia falta de escrever e, então, fui para Madri fazer uma pós-graduação em roteiro. Voltei ao Brasil, aos 30 anos, e liguei para algumas produtoras, que me chamaram para trabalhar.

Como surgiu o projeto do filme *Cidade de Deus*?

Já tinha trabalhado com Marcelo Tas e Fernando Meirelles, que eram do Olhar Eletrônico, e um dia o Fernando me chamou para fazer o roteiro de *Cidade de Deus*. Comecei a ler o livro e, quando cheguei na página 100, liguei para avisá-lo que não daria para adaptar aquele texto para cinema. Depois, reavaliando, pensei: o que eu teria a perder? Então, decidi fazer. E propus um roteiro bastante maluco. Funcionou, porque, assim como eu, o Fernando não tinha medo de errar. O Walter Salles, que era produtor do filme, criticou duramente o roteiro, fiquei mal na época. Mas Fernando e eu resolvemos assumir e seguir mesmo assim. Nem achava que o filme teria tanto público. E, no fim, o filme recebeu quatro indicações ao Oscar. Era inverossímil para nós, parecia pegadinha! O filme mudou minha vida; depois dele, passei a viver do meu trabalho com roteiros.

O que é essencial no trabalho como roteirista?

Precisa praticar muito, ter o domínio da língua. E a escrita do audiovisual é muito específica. Nem tudo que a gente escreve é filmado. Eu mesmo tenho 27 roteiros escritos, apenas sete viraram filme. E isso não é um fracasso. Tem muito roteirista que se decepciona quando vê uma filmagem e percebe que ficou muito diferente daquilo que ele escreveu. A maioria tende a culpar os outros. Eu faço o oposto: penso que a culpa é minha e faço as perguntas: por que o cara não entendeu? Como tornar a minha escrita mais precisa? Um roteirista tem de ter talento, esforço e também sorte. O acaso conta muito. Tem que ler os clássicos da dramaturgia, os roteiros dos filmes bons.

A que fatores você atribui o sucesso de público de filmes como *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite*, que tratam da violência?

Acredito que o interesse do público está mais ligado à forma do que ao conteúdo. Não importa qual é a história, desde que ela seja bem contada. Se você não conta bem, não vai funcionar. No caso desses dois filmes, o que aconteceu foi a junção de um time de pessoas que trabalham bem. Porque também não adianta um roteiro bom, se você não juntar as pessoas certas para realizar. É difícil saber quando um roteiro está bom. O que procuro fazer é me sentir feliz com ele. Eu sou meu público. E coloco na roda, peço para meus amigos lerem. O curioso é que as opiniões são bem diferentes. O que agrada a uns, não agrada a outros. Há muita subjetividade. E a gente só sabe se funciona mesmo na hora que filma. Há ainda o componente do imponderável. É como um salto no abismo, no escuro. Se eu fosse religioso, diria que é preciso ter fé. Como não sou, digo que precisa ter cara de pau.

O Brasil vive uma fase promissora nessa área?

Vejo o mercado de TV muito promissor. Mais do que o cinema, que é pequeno e mais demorado também. Com a nova lei da TV por assinatura [12.485/11], há cada vez mais séries sendo produzidas. Mas não acho que um roteirista precisa fazer essa escolha entre TV e cinema, dá para conciliar. O futuro do mercado é de crescimento. Quando comecei, eu lamentava que não dava para viver escrevendo roteiros. Era um carreira sem valorização e sem prestígio. Roteirista era aquele que digitava as “ideias geniais do diretor”. Hoje, tem muito trabalho e, em termos de mercado, de demanda, a tendência é melhorar. O que falta no Brasil é tradição. Nossa referência ainda é a telenovela, que segue uma estrutura diferente de roteiro. Falta a tradição de desenvolvimento da técnica.

Você tem algum método próprio de trabalho?

Tenho um processo absolutamente caótico. Nem consigo verbalizar o que me pega numa história ou de onde surgem algumas ideias. Começo da desordem. Tenho certa preguiça de fazer pesquisa de campo, não levo muito jeito para entrevistar pessoas, fazer as perguntas. Prefiro ler e ir anotando as ideias que surgem. Depois, entro numa fase metódica. Tenho um painel, onde vou fixando cartões, com resumos, cena a cena, que me ajudam na construção do texto final. Acho que meu cérebro nasceu pronto para esse tipo de trabalho: mesclar, misturar personagens e construir histórias. Procuro seguir sempre um conselho: “Para de pensar e deixa seus dedos trabalharem”. Ou seja, deixo a intuição agir também. Sem medo. Porque se você tiver medo de fazer, fará algo medíocre e seguro. Precisa ter coragem de errar para fazer algo realmente bom.

**ROTEIRISTA ERA AQUELE QUE
DIGITAVA AS 'IDEIAS GENIAIS
DO DIRETOR'. HOJE, TEM MUITO
TRABALHO E, EM TERMOS DE
MERCADO, DE DEMANDA, A
TENDÊNCIA É MELHORAR**

Um mundo em processo nas engrenagens dinâmicas da comunicação e da cultura

Efemeridade e imaterialidade desafiam a nossa compreensão da comunicação e da cultura nestes primeiros quinze anos do século XXI. Como vamos acessar a produção cultural daqui a quinze anos, individual e coletiva, se certamente tudo que estamos produzindo e armazenando em formatos digitais pode desaparecer com um colapso de falta de energia? A produção cultural está ficando pior que antes? A comunicação entre os seres humanos está melhorando ou piorando?

É claro que nenhuma resposta absoluta e muitos questionamentos são a única certeza que temos. Mas, se lançarmos um olhar mais atento para o mecanismo da transformação cultural e de como a comunicação vai ser – invariavelmente, uma expressão da cultura na qual vivemos –, podemos ampliar nossa compreensão para um nível mais estrutural e menos momentâneo. A produção cultural contemporânea traduz os valores do mundo em que vivemos, assim como a comunicação entre os seres humanos.

Se nos propusermos a uma leitura do mundo por meio da – não se assustem – Semiótica da Cultura, vamos encontrar unidades de compreensão e significado a partir das quais lemos e entendemos a cultura – a isso podemos nomear “textos da cultura”. Quem primeiro usou este termo foi Iuri Lotman, o qual estudei com a professora Irene Machado na Universidade de São Paulo.

Podemos entender o cinema como um texto da cultura; a TV como um outro texto; a literatura como outro, e assim por diante. Os textos estão em constante contato, atuando e se influenciando mutuamente; nesta dinâmica, observamos o surgimento de novos textos e linguagens, transformando a cultura e a comunicação. Quando o contato entre um texto e outro é muito dinâmico, surge um fenômeno imprevisível e de alto poder transformador, como a internet.

Este mecanismo explica estruturalmente a influência cada vez mais óbvia das linguagens dos meios de comunicação nas mais tradicionais formas de expressão artística, como as artes plásticas, cinema, literatura, poesia. O Leão de Ouro na Bienal de Veneza de 2011, por exemplo, foi para Christian Marclay, com a obra em vídeo *The Clock*, na qual ele opera a história do cinema como uma base de dados, ao gerar vinte e quatro horas de vídeo encadeadas por cenas de filmes que mostram as vinte e quatro horas do dia de diversas maneiras

– no relógio, nas falas dos personagens e assim por diante. Sinal de que os artistas não criam mais nada de original? Ou fato da influência do *big data* nas artes plásticas? Ficamos com a segunda opção, pois todas as transformações que presenciamos hoje na área da comunicação e da cultura não são radicalmente novas, mas, sim, a ação da cultura em movimento.

Como entender de forma coerente a transformação dos meios de comunicação, como a crescente participação do público na produção e disseminação de informações, senão pelo fato de que a informática possibilitou concretamente a interferência direta na comunicação e na cultura, embora o gesto da participação nos textos culturais viesse sendo anunciado há tempos por artistas como Hélio Oiticica, que chamava o público de “participador”, e nas obras de Lygia Clark e Lygia Pape, ao convidarem o público para a interação com a obra?

O sistema de indexação do Google começou quando se encontrou a primeira lista de livros conhecida em um tablete de argila, em 2000 a.C. O impulso lúdico do homem na cultura do jogo, explicada por Johan Huizinga, é a pulsão que nos move para um mundo no qual a comunicação e a cultura se tornam cada vez mais *gameificados*. Os códigos de relacionamento social e pessoal servem de base para o design das redes sociais, que, por sua vez, criam códigos de relacionamento social e pessoal inéditos, como o *porn revenge*. Os exemplos são inúmeros.

O que importa é nos situarmos a partir de uma compreensão mais dinâmica e menos passiva dos processos culturais e da sua continuidade. É na fricção entre os textos que presenciamos a formação do cenário da comunicação e cultura contemporâneos. O fim da era da produção industrial linear e analógica e o início da era informática aleatória e digital evidenciam que precisamos estar mais atentos aos processos, não aos produtos; aos fluxos e às redes, não às posições fixas de um mundo que, mesmo com recursos finitos, nos fizeram crer, um dia, imutável, não importando o que fizéssemos com ele.

Daniela Osvald Ramos é jornalista, professora e pesquisadora no curso de Jornalismo da ECA/USP.

ÚLTIMO BLOCO

FOTO: S600K PRODUÇÕES



SONS DA TURQUIA

A diversidade musical da Turquia e a mistura de ritmos tradicionais daquele país com outros estilos, como o jazz, é o tema do projeto Istanbul Agora. Neste mês, o canal exibe dois shows inéditos, gravados na edição de 2013 do projeto, no Sesc Pompeia. O músico Mercan Dede leva para os palcos a combinação da música sufi com sons analógicos, digitais, eletrônicos e a dança de dervixes, no musical *Mercan Dede Secret Tribe*, dia 4/12, às 22h. Na semana seguinte, o canal exibe o show da banda turca Ayyuka e dos DJs Baris K, turco, e Thomash, alemão, com um repertório de disco, soft music e rock. Dia 12/2, 22h. Direção para TV de Daniel dos Santos.

RITMOS DO BRASIL

Ritmos e festas brasileiras são foco de quatro episódios da série Coleções, direção de Belisario Franca, que o SescTV exibe neste mês. *Samba Enredo* apresenta a tradição de algumas das principais escolas de samba do Rio de Janeiro. Dia 5/2. *Festas Brasileiras: Carnaval* acompanha os blocos Cordão do Boitatá e Cacique de Ramos, no Rio de Janeiro, a fim de revelar as histórias e belezas do popular carnaval de rua da cidade. Dia 12/2. *Samba de Coco* traz o movimento musical da cidade de Arcoverde, em Pernambuco, onde este samba foi difundido pelo falecido cantor e flautista Lula Calixto. Dia 19/2. *Ritmos Brasileiros: Choro* contextualiza historicamente esse gênero musical surgido no século 19, que tem como principal representante o maestro Pixinguinha. Dia 26/2, sempre às 21h30.

FOTO: DIVULGAÇÃO



CINEMA AMBIENTAL

Temas como a escassez da água potável no mundo, mudanças climáticas e o consumo de sacolas plásticas estão na Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental, que o SescTV exibe todos os sábados deste mês, às 22h. Os documentários, produzidos em diferentes países, abordam questões que estão na pauta do dia nos debates em torno do meio ambiente e da sustentabilidade. A Mostra tem curadoria de Chico Guariba. Confira a programação: *Quem Controla a Água?*, direção de Leslie Franke e Herdolor Lorenz, dia 7/2; *Bag It*, de Suzan Beraza, dia 14/2; *Deserto Verde*, de Ulises de la Orden, dia 21/2; *A Terra da Lua Partida*, de Marcos Negrão e André Rangel, dia 28/2. Veja a classificação indicativa no site.

'EU FIZ POR MERECE'

Ator e dramaturgo conhecido por levar aos palcos "temas malditos" como a miséria, a violência e a prostituição, Plínio Marcos é homenageado pelo SescTV, neste mês, com a programação especial *Plínio Marcos: Eu fiz por Merecer*. São entrevistas, filmes e um musical que relembram sua trajetória e fazem referência a seu trabalho. Filme *Querô*, direção de Carlos Cortez, dia 24/2, 23h; Musical *Plínio Marcos Em Prosa e Samba*, dia 25/2, 22h; *Entrevista com Oswaldo Mendes* (amigo e biógrafo de Plínio Marcos), dia 25/2, 23h; Filme *Dois Perdidos Numa Noite Suja*, direção de José Joffily, dia 26/2, 23h; *Roda Viva com Plínio Marcos* (programa da TV Cultura de São Paulo, de 1988), dia 27/2, 23h.

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesctv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães
Redação: Adriana Reis
Editoração: Ana Cláudia Imaizumi Pereira
Revisão: Marcelo Almada

SescTV

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesctv.sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sesctv.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vídeo com os destaques da programação.

Documentário

Hereros Angola

Direção: Sérgio Guerra

Dia 20/3
SEXTA
23H



Foto: Sérgio Guerra

Acompanhe o SescTV:
sesctv.org.br



/SESC TV